

ECOS DE GUIMARÃES

VIII ANO — N.º 1

GUIMARÃES, 6 DE JANEIRO DE 1924

Redacção e Administração

R. Gravador Molarinho, 45
GUIMARÃES.

ORGÃO MONARQUICO

Director, Propriet. e Editor
João Pereira da Costa

Comp. e Impr. Tip. Lusitania

R. Gravador Molarinho
GUIMARÃES

O NOSSO ANIVERSARIO



D. Manuel II, eu, humilde mas fiel soldado dessa mesma Causa, deponho a homenagem sincera e merecida do preito de gratidão que me inspira a patriótica condicção seguida pelo Conselho Superior da Política Monarquica.

gou uma Historia cheia de inolvidaveis feitos, os Parlamentares Monarquicos são, primeiro que tudo, portugueses dignos desse nome. Por isso, eu os saúdo.

A's Juventudes Monarquicas Conservadoras

Saúdo as Juventudes Monarquicas Conservadoras de Lisboa e Porto pelos assombrosos serviços prestados á Causa Nacional de El Rei, fazendo votos para que a sua valiosa e indispensavel acção continue a exercer-se com toda a actividade para o bem e a salvaça da Patria

Aos Parlamentares Monarquicos

Porque a minoria Monarquica tem defendido com todo o ardor na Casa do Parlamento os altos interesses nacionais, não podia de modo algum a Redacção de o jornal «Ecos de Guimarães» deixar de prestar a tão prestigiosas figuras o seu profundo reconhecimento pelos altos e incalculaveis serviços dispensados á Causa da Patria e de El-Rei, que desinteressadamente vimos defendendo, por esses incansaveis arautos da moralidade e do bem estar nacional.

A obra produzida por tão insignes e valiosos ornamentos da Causa Nacional de El-Rei deve interessar não só aos Monarquicos, mas também a toda a Nação. Ela não tem sido movida por quaesquer interesses politicos, mas antes tem visado fins inteira e retintamente nacionais. Não tem os Parlamentares Monarquicos, na sua larga acção nacional, defendido clientelas politicas. Sendo representantes de uma Causa que nos le-

A' Imprensa Monarquica

Muito e muito devem, os Monarquicos, e—porque não dizê-lo?!— todos os portugueses á imprensa Monarquica nacional que na sua aberta e decisiva acção não se tem poupado a esforços na defeza da Patria.

Os serviços assombrosos e incalculaveis por essa mesma imprensa prestados a todas as classes sociais nas suas justas reclamações estão bem patentes nos alentados vis e covardes de que tem sido vítima, de ha treze anos para cá, inumeras redacções de jornais monarquicos e catolicos por parte de degenerados e criminosos que não hesitam por o bem e a moralidade. Todavia, a imprensa monarquica não desanima um unico momento; antes intensifica a sua luta de ataque dos maus e nefastos principios do mesmo modo que não exlta um só momento na defeza dos bons principios e da Patria.

Tomemos para exemplo o «Correio da Manhã» — que ainda ha bem pouco tempo foi alvo de mais uma miseravel vilania contra a qual veementemente protestamos... Saúdo, pois, a Imprensa Monarquica do pais em nome da Redacção do «Ecos de Guimarães» manifestando-lhe, também, a nossa inteira solidariedade e camaradagem.

Ao Conselho Politico Monarquico de Guimarães

A Redacção do «Ecos de Guimarães», cumprimenta e saúda com a devida vénia o Conselho Politico Monarquico de Guimarães constituído por figuras de grande prestigio e relêvo no nosso meio.

S. M.

SAUDAÇÕES

A Sua Magestade El-Rei D. Manuel II,

tilha as dôres da Patria decadente e decrépita.

Ao começar o novo ano de 1924 não podiamos deixar de enviar dêste velusto torrão de terra portuguesa, as nossas mais sineeras e respeitadas saudações bem como os ardentes desejos dum novo ano feliz e prospero á Sua Magestade El Rei D. Manuel II que do exilio, para onde foi arrastado, compar-

Ao Senhor Conselheiro Aires de Ornelas Ilustre Lugar-Tenente de El-Rei

Ao Senhor Conselheiro Aires de Ornelas, paladino prestigioso e incansavel da Cau-

sa Monarquica, Ilustre Lugar-Tenente de Sua Magestade El Rei D. Manuel II, consigno e firmo nas colunas dêste jornal a inteira solidariedade da Redacção de o «Ecos de Guimarães» que tem por Sua Ex.^a uma incalculavel admiracção.

Ao Conselho Superior da Política Monarquica

Como penhor pelos altos serviços dispensados pelo Conselho Superior da Política Monarquica á Causa Nacional de Sua Magestade El-Rei

“Ecoss de Guimarães,,

O funcionalismo

Serviço d'El-Rey

Passa hoje o nono anniversario de o “Ecoss de Guimarães,, Fundado em 1914 pe lo prestigioso monarchico e grande figura da advocacia vimaranense que é o senhor Dr. João Rocha dos Santos, interrompida por varias vezes a sua publicação devido a razoes muito diversas, o que é certo é que nunca o “Ecoss de Guimarães,, desapareceu por completo. Sempre pronto para a defesa da Patria, o nosso jornal nunca se negou a ouvir as justas reclamações daqueles que nos procuravam para protestarem contra todos e quaisquer actos indecorosos que viessem lesar a moralidade publica pondo em foco a bandalheira e a pouca vergonha, grandes características do regimen vigente...

Como adeptos da ordem sempre fomos contrarios á violencia razao porque embora soldados combatentes da Causa Monarquica nos nossos ataques á republica sempre temos usado de educação e lealdade... E porque é esta a nossa norma de conducta é que nós miltos e até a maior parte das vezes nos temos abtido de responder aos insultos vomitados por aqueles que não sabendo defender a republica no campo da imprensa, de que infelizmente fazem parte, com honra e dignidade o fazem insultando vilmente aqueles que trabalham na redacção de o nosso jornal defendendo com toda a sua alma a Patria e a Monarquia... Não tem sido outra a nossa conducta desde a fundação de o “Ecoss,,

Mas não julguem que vimos apresentar ao publico vimaranense as nossas despedidas. Não. O nosso jornal não acaba. Não acabará nunca, porque estamos dispostos a lutar com todos os sacrificios alguns dos quais já vimos experimentando...

Continuaremos, pois, a detender com o mesmo ardor a Patria e a Monarquia, ideias intimamente ligadas, que se coordenam e completam... Não julguem aqueles que nos atacam que as suas palavras insultuosas e as suas frases que lembram punhaladas, constituem para nós algum obstáculo... Não. Desprezamos insultos... A eles responderá, se assim o entender, o nosso colaborador atingido que demais é suficientemente digno para assumir as responsabilidades daquilo que escreve—grandes verdades contra as quais não ha argumentos... Por conseguinte toca a insultar. Mas como nos repugna esse processo de ataque que alguém tem seguido com o fim talvez de eliminar e fazer desaparecer da circulação o nosso jornal que vive do esforço desinteressado de alguns monarchicos convictos e ainda do sacrificio de outros tantos — recolhemos ao silencio para que assim aqueles que nos insultam saibam que não fomos atingidos pelas suas palavras ócas com que tentavam, baldadamente, apunhalar-nos.

Estamos sempre dispostos — é bom frisá-lo — a responder a todos e quaisquer ataques leais no campo do jornalismo desde que não tenham em vista o mesmo objectivo de todos os que até agora nos tem sido dirigidos.

Continuaremos a seguir o mesmo programa sem que nada nos impeça de defendermos sempre com o mesmo ardor a Causa Nacional de Sua Magestade El-Rei Dom Manoel II.

O nosso baluarte será precisamente o mesmo: Deus, Patria e Rei.

Uma medida que se impõe, se houver boa vontade de restaurar as nossas finanças, é a redução do funcionalismo publico até ao mínimo indispensavel.

E' forçoso lançar mão doutras medidas; esta, por si só, é insufficiente; mas quaisquer outras de acompanhamento desta, executada com todo o rigor, nunca darão o resultado desejado.

Mas irritarão as almas compassivas e todos os que se virem prejudicados com tal medida; isso é uma crueldade espantosa, lançar na miséria centenas de familias que não tem outro recurso senão o emprego publico. Não é uma crueldade tam espantosa como a primeira vista se afigura. De todos os que estão comendo á mesa do orçamento, ha alguns que não trabalham; que vão uma vez ou outra á repartição para fazer apenas umas assinaturas ilegíveis ou espantecar com os outros empregados; outros foram nomeados por decretos de favor e não eram precisos.

Ora é corte destas tres classes, além de representar, não uma prepotencia, mas uma certa justiça, produziria tres beneficios effectos: reduziria as despesas do Estado em alguns milhares de contos, tornaria mais zelosos os empregados que ficassem, com receio de serem abrangidos com uma degola semelhante e concorreria para atenuar, quando não extinguisse, a empregomania.

Dizem por aí que os empregados publicos sam mal retribuidos; e eu concordo em que o sejam os de categoria inferior e os que não acumulam. Mas, apesar disso, quando vaga um emprego, apparecem logo dezenas de pretendentes; sinal certo de que um lugar á mesa do orçamento é ainda uma das melhores colocações.

E com effecto os empregados tem muito poucas horas de serviço, seis me parece ser a regra geral. Fora dessas horas ficam completamente livres; gosam um dia feriado pelo menos por semana; tem direito a um mês de férias, quando não é mais, por ano. Sam beneficiados com a aposentação, passados uns tantos anos de serviço. Todos estes beneficios não são dignos de apreço, ainda que o ordenado não seja grande?

Os empregados do commercio e da industria trabalham muitas mais horas; estão sujeitos a crises de trabalho; não tem aposentação garantida; e contudo vivem. Porque é que os empregados do Estado ham de gosar mais beneficios? O Estado deve pagar serviços e não sustentar posições.

E' tempo de acabar com essa mania de toda a gente pretender um emprego publico. Ha muitas outras profissões, onde se pode ganhar honestamente a vida. Quem for perfeito na sua arte ou officio e trabalhar com cuidado, em qualquer parte ganhará o necessario para viver. Por isso os empregados publicos que não trabalham ou que não sabem cumprir os seus deveres, devem ser despedidos. Que tentem outro modo de vida. E' uma medida necessaria, todos o conhecem. O que tem faltado é um governo com a coragem para a executar. E' queiram ou não queiram, mais tarde ou mais cedo ha de se lançar mão dela. Porque não ha de ser já reconhecida como é a sua necessidade?

Acima de interesses particulares, por mais legitimos que sejam, estão os interesses da colectividade.

Ninguém ignora os altos serviços prestados á Causa Nacional de El-Rei pelas Juventudes Monarquicas Conservadoras entre as quais merecem especial menção as de Lisboa e Porto. Ao lado da acção decisiva e patriótica dos illustres parlamentares Monarquicos que, desprezando tanto quanto possivel as questões de natureza politica, tem defendido com todo o ardor os altos interesses nacionais; ao lado da obra altamente nacional da imprensa monarchica do país que vem apregoando como porta-voz duma causa sagrada que nos legou uma Historia cheia de prestigio, a boa e sã doutrina Monarquica pondo em foco os escandalos cometidos durante treze anos de republica — possuem os monarchicos portugueses duas organizações em que devem filiar-se e que são as J. M. C. de Lisboa e Porto. Ai podem os Monarquicos portugueses unir-se para melhor propaganda e defeza das levantadas ideias que tem por simbolo Deus, Patria e Rei.

Organizem-se, pois, os Monarquicos portugueses constituindo nucleos de propaganda e de acção lutando em defeza da Causa Nacional de El-Rei e consequentemente da Patria. Só assim, organizados e unidos é que os Monarquicos portugueses podem exercer uma mais franca e aberta luta no campo da propaganda leal. Que os Monarquicos de todo o país tomem para exemplo e base das suas organizações as Juventudes Monarquicas Conservadoras de Lisboa e Porto que tem prestado grandes e relevantes serviços á Causa Monarquica.

Tenho presente o primeiro

numero — 1 de Dezembro de 1923 — do “Serviço d'el-Rey,, publicação das Juventudes Monarquicas Conservadoras — Nucleo Regional do Norte. E' seu director o snr. Dr. Francisco Pereira de Sequeira a quem a Causa Monarquica deve inumeros e relevantes serviços.

Homem de prestigio e Monarquico convicto, o snr Dr. Francisco Pereira de Sequeira vem prestar com a referida publicação mais um extraordinario serviço—além dos muitos já dispensados—á Causa Nacional de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II.

Já nas colunas deste jornal fizemos uma leve referencia ao grato acolhimento com que recebemos o primeiro numero da publicação das J. M. C. do Porto. Hoje, é nosso intuito levar ao conhecimento dos Monarquicos Vimaranenses que se publica no Porto um orgão das J. M. C. que todo o bom Monarquico tem a obrigação moral de adquirir e assinar. Procedendo deste modo, os Monarquicos de Guimarães cumprem um dever qual seja o de prestar um tributo de admiração e agradecimento ao snr. Dr. Francisco Pereira de Sequeira pela sua mui valiosa e incondicional defeza e propaganda dos principios Monarquicos.

E' necessario que todos os Monarquicos portugueses prestem de algum modo o seu concurso áqueles que como o snr. Dr. Pereira de Sequeira tem sido incansaveis na defeza da Patria, Deus e Rei.

Agradecemos o exemplar recebido e saudamos respeitosamente o snr. Dr. Pereira de Sequeira.

O anniversario do Comandante

H. DE PAIVA COUCEIRO

Passou no preterito dia 30 de Dezembro o anniversario natalicio do grande Português o Comandante Henrique de Paiva Couceiro. Exilado desde ha muito pelo simples facto de defender com valentia e dignidade a Monarquia, o Comandante Henrique de Paiva Couceiro não deixou um só momento de lembrar a Patria distante. Português de lei e Monarquico convicto o valente e desastado combatente de Chaves e dos grandes ornamentos da Causa de El-Rei tem sempre tem defendido quer pela palavra escrita em folhas, quer ainda pelas armas.

Militar dos mais braves occupou e desempenhou sempre com preeminencia incontestavel o seu lugar de official do exercito.

Mas, quando em 5 de Outubro de 1910 souo ao longe a trombeta annunciadora da proclamação da

republica, o Comandante Henrique de Paiva Couceiro abandonou o seu posto de official do exercito porque não podia de modo algum traír o juramento de defeza que havia prestado de defeza á Monarquia e ao Rei. E, só por esta razao; por cumprir fiel e integralmente o indicado juramento de honra, é que o Comandante Henrique de Paiva Couceiro se encontra longe da Patria, exilado—enquanto que assassinos profissionais gosam de inteira e até protegida liberdade... Fiel ao seu juramento, o grande combatente da Monarquia vive resignadamente no exilio as horas amargas da Patria longinqua... Alma portuguesa vive perseguido e dominado pela Saudade... Saudade da Patria anarquizada, saudade dos dias esplendidos do Portugal ordeiro.

Cumprimentando respeitosa e nobremente o Comandante Henrique de Paiva Couceiro como a liberdade de apresentar-lhe os cumprimentos da Redacção de o “Ecoss de Guimarães,,

“Os Planos da Autocracia Judaica,,

O atentado contra

o “Correio da Manhã,,

Recebemos e agradeceinos um exemplar de “Os Planos da Autocracia Judaica,, comentarios pelos senhores J. A. Viana de Lemos Peixoto e Francisco Pereira de Sequeira.

E' mais uma publicação das J. M. C. — Nucleo Regional do Porto, do qual breve nos occuparemos. Limitamo nos por hoje a acusar a recepção da referida obra que deve ser lida não só pelos Monarquicos mas ainda por todos os bons portugueses. “Este livro — o mais sensacional que tem apparecido nos ultimos 150 anos — vem explicar toda a influencia do Oiro d'Israel no mal estar contemporaneo e nas misteriosas convulsões porque tem passado os Estados Europeus e a Politica Mundial.

Como não se publicou no ultimo domingo o nosso semanario, não tivemos occasião de protestar a nossa solidariedade ao nosso brilhante colega da capital, orgão da nossa causa “Correio da Manhã,, tam distinctamente dirigido pela alta competencia de jornalista illustre e grande combatente, snr. Dr. Anibal Soares.

Protestando contra a infame arbitrariedade de que foi victima o nosso querido colega, enviamos a todos os illustres jornalistas que nele colaboram e principalmente ao seu eminente director, nosso presadissimo amigo snr. Dr. Anibal Soares, os nossos melhores e mais estreitos cumprimentos.

A Adoração dos Reis Magos

Havia no Oriente uma antiga tradição segundo a qual um menino, destinado a mudar a face do mundo, nasceria d'uma virgem na região mais ocidental da Asia e que uma estrela miraculosa annunciaria este acontecimento.

Ora, na propria noite em que nasceu Jesus, três Reis Magos, occupados em estudar o curso dos astros, viram uma estrela de extraordinario brilho e pelo seu curso e por outros signais reconheceram n'ela a estrela predicta a seus pais. Ao mesmo tempo sentiram-se interiormente excitados pela graça a seguir áquella estrela, porque ella lhes indicaria onde estava o Salvador esperado.

Por isso sem hesitações resolveram partir. E' necessario deixar a familia, os amigos, os palacios, as comodidades; vão emprender uma viagem sem direcção conhecida nem duração certa. Nada, porém, os retém.

Querem vêr o Salvador. Vêr somente? Não; não é a curiosidade que os move. Querem adora-lo e oferecer-lhe os seus presentes preciosos, *ouro, incenso e myrrha*.

Que admiravel promptidão em seguir as inspirações da graça! Que fé a dos três Reis Magos! Que desprendimento, que abnegação, que generosidade!

Muito têm os christãos que aprender n'estes pagãos... Partem. A estrela serve-lhes de guia.

Mas eis que, passados dose dias a estrela desaparece. Que fazer? Vetar para suas casas? De modo nenhum.

Certos de que Deus os chama continuam o seu caminho.

Chegando a Jerusalem, perguntam ansiosamente a toda a gente onde nasceu o rei dos judeus e com toda a franqueza, sem respeitos humanos, declaram que vêem adora-lo; nem as criticas e escarneos dos phariseus, nem a perfidia de Herodes, nem quaesquer perigos os intimidam—Que admiravel coragem!

Como o procedimento dos Magos é diferente do de tantos christãos, pusilânicos e cobardes!...

Ao ouvir falar n'um novo rei dos judeus toda a cidade fica sobressaltada; o rei Herodes tremo no seu throno, convoca immediatamente os sacerdotes e doutores da Lei interroga-os acerca do lugar onde, segundo as profecias, deveria nascer o Messias e eles apontam para Belém.

Então Herodes, occultando os seus sinistros designios, diz aos Magos, depois de cuidadosamente se informar acerca do tempo em que lhes apparecera a estrela: «Ide, e informai-vos bem que menino é esse; e depois que o ouverdes achado, vinde dizer-me para eu ir tambem adora-lo».

Assim falava aquella hypochrita que em seu coração já tinha resolvido matar o menino com receio de que viesse a arrebatar-lhe a corôa!

Apenas saem de Jerusalem, de novo lhes apparece a estrela mysteriosa, que estivera occulta em quanto as informações dos ho-

mens podiam dispensar a ação de Deus.

Seguem-na cheios de alegria, até que, tendo chegado a Belém para e projecta seus raios sobre o presépio onde está o divino Salvador.

Os Magos comprehendem que chegaram ao termo da sua imagem e entram penetrados de emoção e reconhecimento.

Mas que estranho espectáculo se lhes offerece á vista! Um pobre menino envolvido em paninhos, deitado na palha, tendo por palacio uma gruta (um curral de animais domésticos), por throno uma mangedoura, por manto real uns farrapos! Será este o novo rei que de tão longe veem procurar, por quem tantas fadigas suportaram e tantos perigos correram? Sim, sob tão humildes exterioridades, elles, reconhecendo Messias o Filho de Deus, o Rei do Céu e da Terra, Prostram-se a seus pés, adoram-no com toda a humildade e oferecem-lhe o tri-

buto da sua vossalagem: ouro incenso e myrrha, reconhecendo assim a sua realeza, a sua divindade e a sua humanidade.

Quem não admirará fé tão sublime, generosidade tão espontanea, humildade tão profunda?

Cumpridos os seus deveres de piedade, os Magos pensaram no seu regresso; mas tendo sido avisados em sonho para que não fossem ter com Herodes, voltaram ás suas terras por outro caminho.

Assim ficavam frustrados os planos de Herodes e mais frustrados ficaram ainda quando, tendo mandado matar todas as creanças de menos de dois annos d'idade para entre ellas incluir o Menino Jesus, este lhe escapou, levado por seus pais ao Egypto.

E' que nada valem os melhores planos dos homens contra os desegnijs de Deus. Emitando os piedosos reis Magos, vamos junto do Sacratio, prostre-me nas deante do Salvador divino, o vulto nas humildes especies sacramentais, adoremo-lo e ofereçamos-lhe os nossos corações.

P.º ARTHUR B. GUIMARÃES

Por essa razão cumprimentamos efusivamente o seu illustre Director e bem assim o corpo redactorial de o «Diario de Noticias», a quem desejamos um novo ano repleto de prosperidades.

TRENOS D'ALMA

«Gloria in excelsis!»

Quando nasceu Jesus de Nazaré, Uma estrelinha branca, cor de lavra, Guia fiel da Humanidade escrava, Nessa sublime creença—a nossa fé, Com uma luz p'regrina, aurifalante, Brilhou no ceu, o mundo admirou; E os magos cuja fé viva e ardente Os corações bondosos alegrou, Disseram: «Deus a envia, nós a vemos!» Mensageira divina, el-la que vem «Dizer-nos que corraes a Belém.» *Vento, maremni!*

E os pastores que no alho n'ele, Com fé e amor falavam de Meus, Creram ouvir celestes harmonias, Ver uma luz brilhante no horizonte Fulgindo como um sol d'amaesmo, Qual sombra anstral ou silhueta leve, Veio do ceu um serafim divino, Bater de manso as asas cor de neve, «Gloria in excelsis!» a Jesus louvamos! «Do ceu um mensageiro sou que vem «Dizer-vos que corraes a Belém.» *Vento, maremni!*

E magos e pastores convencidos Da divina Verdade revelada, Partiram para a incognita morada, A procurar vestigios queridos Desse Jesus—Messias desejado, E envolto por um brilho diamantino, Num misero presépio reclinado, Encontraram então o Deus-Menino.

Estrelinha do Cristo, nos queremos, Guia fiel do Amor, da Paz, do Bem, Que nos leveis contornos de Belém.

M. S.



DISTRACÇÕES

Ano Novo

Dantes, ao principiar do novo ano, eu lia em todos os almanaquees, reportorios, etc, quantos juizos d'ano se me deparassem. Andava mesmo a produzir que não me escapasse nenhum sem o ter lido. Costava, e por isso ficava sempre suggestionado por aquelle que mais me agradasse á tuelliação.

Não sei como hoje não faço caso algum dessas brejas e não compro um reportorio, não possuo almanaquees!

Se quizesse dizer como deixei esse vicio não saberia, porque não sei. Mas deve andar misto a falta de dinheiro para obter quanta trapalhada apparece e apparece ao desaparecer do velho anno como subiam constantemente de preço e eu descia constantemente em fortuna, eis a razão provavel, caso não andasse atô a descoberta da mentira espalhada em tais cantigas.

O certo é que não leio e era capaz, muito capaz até, de fazer o juizo do ato de 1924 mais exactamente possivel da realidade que se ha de vêr, do que todos os juizos juntos. Se não nós veremos para o fim se cortizem os factos com o pensamento que lenho realzado no crebro!

Para eu ficar mal preciso seria que desaparecesse de sobre a face da terra, quanta face de mulher a si se julgue bonita, como nenhuma passará a si propria o

«A EPOCA»

No dia 1 de Janeiro entrou no seu 5.º anniversario o nosso distinto colega da capital «A Epoca».

E' com o maior prazer que dirigimos a tão illustre colega as nossas saudações, porque «A Epoca» é o diario catolico que mais se impõe aos portuguezes pela linha inalteravel que tem seguido, linha que marca no meio conservador onde o nome venerando do Conselleiro Fernando de Sousa se tem imposto á consideração e a estima de todos.

Dirigindo «A Epoca», os nossos cumprimentos saudamos e valorosamente o seu eminente Director e o brilhante corpo redactorial, onde contamos alguns antigos e correigionarios que grandes serviços tem prestado á nossa Causa.

Homenagem merecida

Uma dívida de gratidão ao Padre Antonio José Ferreira Caldas, illustre filho de Guimarães, falecido no dia 22 de Julho de 1884

Vou lembrar aos novos, á mocidade que trabalha e estuda, á mocidade alegre e generosa o nome do Padre Antonio José Ferreira Caldas — O P.º Caldas foi o filho de Guimarães que mais trabalhou pela terra que lhe foi berço; foi o seu filho mais benemerito; foi o que deu maior impulso a todas as empresas do progresso.

O seu nome está ligado a todas as obras de caridade, instrução e Religião.

A alma do P.º Caldas vibrava de indignação quando viu a igreja historica de S. Miguel do Castello a cair em ruinas e os tumulos que a circundam encravados na parede, profanados!... Foi com o sabio Martins Sarmiento pedir de porta em porta esmolas para levantar e restaurar a igreja onde foi baptisado o 1.º Rei de Portugal e o fundador do reino de Portugal.

A sua alma vibrava de indignação ao vêr o Templo da Madonna, a insigne e real Collegiada mascarada de estuques, e rebabulos dourados a esconder a obra elegante, severa e bella de D. João I.º

Foi o P.º Caldas que n'esta terra criou uma escola de archeologia e historia, escola que aqui era desconhecida — D'esta escola sahiram os Tagilde, Albano Bellino, João de Meira, Eduardo Almeida, João Faria etc que bons serviços tem prestado á Historia de Guimarães e ao renascimento das suas glorias. Porque relembrar o passado, os seus filhos illustres e benemeritos é luz que projecta clarões, na senda do progresso, civico, moral e religioso.

Foi o P.º Caldas que iniciou e levou a cabo as obras da Penha até ali abandonada. Deve-se ao P.º Caldas as Capelas, os escaedarios, a restauração da Gruta Ermita, a casa da Senhora, e ereção da irmandade, jardins exploração de aguas, aqueductos estrada para a Penha por São Romão etc.

A quem estas linhas escreve e a seu irmão tambem criança, diziao P.º Caldas: quero que os meninos vão á Penha jantar lá comigo, para começarem de crianças a ter paixão pela Penha — O P.º Caldas tinha a visão do futuro.

Que lição para uma sociedade de egoistas e novatos!... O P.º Caldas para as obras da Penha fez kermesses no jardim publico, fez peditorios, escrevia aos filhos de Guimarães ausentes no Brazil.

E a Penha lá está a lembrar aos filhos de Guimarães o benemerito e saudoso P.º Caldas.

O P.º Caldas lastimava a falta de estabelecimentos de instrução.

Foi elle que fez abrir aulas de instrução primaria, portuguez francez dozeño no Azilo de Santa Estefania, e no Campo da Feirã para meninas — Foi elle que deu impulso á criação do Collegio das Hortas, onde elle foi tambem professor e a abertura de aulas para rapazes pobres na Sociedade Martins Sarmiento.

Foi o P.º Caldas o amparo do Azilo de Santa Estefania para rapazes reparigios orfãos, assim como do Azilo da Mendicidade.

Parce que ainda o estou a vêr deitar blacouras aos rapazes que tirava dos bolsos, e os lançava ás rebatinhas — O bom P.º Caldas ria-se muito com as suas partidas.

Sempre alegre, chistoso, e amigo do seu amigo.

Era uma alma aborta para to-

V. M.

«Diario de Noticias»

Passou há dias o anniversario deste nosso prezado colega da capital de que é Director o laureado homem de letras e scintilante prosador Dr. Augusto de Castro.

A V. O. T. de S. Francisco

Acaba de chegar ao nosso conhecimento que a Mesa da V. O. T. de S. Francisco venceu em 2.ª instancia o pleito a que fôra obrigada por alguns parentes do falecido José Bento Alves de Carvalho. Congratulamo-nos sobremaneira com o facto que acaba de succeder e que representa um grande auxilio para a pobreza desta terra.

Bem-haja, pois, a Mesa da V. O. T. de S. Francisco e com ella os illustres advogados snrs. Drs. Astolfo de Resendo e Julio de Lemos Macêdo que tanto lutaram em prol da V. O. T. de S. Francisco.

das as obras de caridade; condão-se das miserias do povo. Todas as casas de caridade sentiam a sua mão benfazeja e o conselho da sua intelligencia esclarecida.

O P.º Caldas era dotado d'um grande talento e coração — Revelava-se no pulpito tinha lances que faziam lembrar os grandes genios da eloquencia.

Elle conhecia as profundezas da Dôr, e a poesia do amor puro e santo — Quando fallava do amor de mãe arrebatava o auditorio — Quando fallava na agonia do Horto, no jardim das Oliveiras de J. Christo prostrado por terra, pelo peso da sua dôr na escuridão da noite, arrebatava, comovia, fazia chorar.

O P.º Caldas limpava os olhos, O P.º Caldas era um entusiasta pelos grandes vultos da Historia, pelos benemeritos da Patria — Ao P.º Caldas se deve a estatua de D. Afonso Henriques e de Pio 9.º, na Penha e a collocação dos nomes de filhos illustres de Portugal e de preferencia de Guimarães.

Mis a obra do P.º Caldas, ali está; que elle deixou como testamento, onde vincou o seu amor patrio, a sua grande alma, e coração é a Historia ou apontamentos para Historia de Guimarães e o opusculo, Historia da Gruta e Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha. Escreveu sermões, artigos de jornaes, scientificos etc.

Trabalhou muito para que houvesse uma Biblioteca publica. Foi o mais activo cooperador na fundação da Sociedade Martins Sarmento.

A sociedade de Geografia fel o seu socio, o agraciou-o com o collar — A Camara deu o seu nome a uma rua, Bem haja.

Não basta — E preciso uma consagração, solemne, que o seu busto se levante dentro do recinto da Sociedade Martins Sarmento, e n'uma praça publica e que a Penha se embelse com um Hotel para sãos e um elevador para facilitar a subida.

Filhos de Guimarães, lembrar o nome do P.º Caldas é estimular brios, despertar energias, e vincar na Historia o amor patrio.

No Cemiterio á beira da sua campa uma prece e desfolhar flores da nossa saudade e gratidão...

P. F. S.

Pela Causa e pela Barriga

Transcrevemos da «Razão» a local que segue:

Saiba o sr. Director de o «Ecos» que não lhe levamos nada pelo reclame.

Saiba igualmente que prescindimos e prescindiremos do auxilio dos seus correligionarios.

O nosso jornal é feito á nossa custa.

Pelo contrario o vosso é feito á custa dos papalvos que, julgando alimentar a Causa Sagrada, alimentam a barriga do director do «Ecos».

Vejam os nossos leitores e assinantes até que ponto chega a falta de verdade dos sem razão.

Nós não fazemos negocio com o nosso jornal. O sr. Director do «Ecos» não alimenta a barriga á custa dos papalvos, pois que se actualmente defende a Causa Monarquica — como aliás sempre o fez — com o jornal que dirige é tão sómente pelo facto de circumstancias da sua vida... o haverem afastado da profissão honrada que até então teve e que se viu obrigado a abandonar porque, consciente dos seus actos, não procedeu como tantos outros que traíram sagrados juramentos...

Além disso o sr. Director de o «Ecos» não só não ganha nada com o jornal, mas tambem o não quer para adquirir a fonte de receita com que ha-de fazer face ás despesas da sua vida. Se o sr. Director de o «Ecos» quizer mostrar que não é politico de Barriga, possue nas suas mãos elementos bastantes para o demonstrar. Ora, nem todos se podem orgulhar de possuir semelhantes e tão veridicas provas...

Numa outra local publicada no mesmo numero da «Razão» ha uma flagrante contradição com o que acima fica transcrito.

Voltamos a chamar a atenção dos nossos leitores:

De lamentar é que muitos dos nossos assinantes se tenham negado ou esquecido de pagar os recibos de cobrança, alguns deles abastados, como se os miseros 3550 centavos lhes fossem prejudicar a vida.

Julgam que devemos fornecer-lhes o jornal de graça e bem assim defendermos os seus ideais, como se o nosso republicanismo esteja obrigado a guardar as barrigas dos bons e puros republicanos, daqueles que só tem servido de estorvo ao regime, porque, manhosos como os monarquicos, o continuam sendo na Republica.

Será, pois, o sr. Director do «Ecos» que procura viver á custa dos papalvos, ou quem será?...

Os nossos leitores e assinantes que o digam... pois tomamos a liberdade de pômos á sua solução este problema...

DAVID BRAGA.

P. S. — Na primeira parte deste artigo, saíram algumas gralhas insignificantes: a que merece ser corrigida é a palavra Boalil, a qual, deve ler-se Boabdil. Na segunda parte deve ler-se o seguinte: na 1.ª columna, 30.ª linha, deve ler-se moira a palavra nolva. Na 2.ª columna, 27.ª linha, deve ler-se nossa a palavra vossa. E quase no fim, deve ler-se precisas-te a palavra precisaste.

Por falta de espaço fica muito original por publicar, do que pedimos desculpa aos nossos illustres colaboradores.

Ao Lêdeco

Por absoluta falta de espaço, não é publicada esta carta que a si dirijo e que já está composta nas officinas deste jornal.

No proximo numero, pois, será com certeza publicada.

Sem mais...

D. BRAGA

VISÕES QUE PASSAM Benção do Céu

(CONTINUAÇÃO)

Prepara-te que vais morrer trespassado por esta espada! disse rugindo o feroz governador.

Mata! Mata! Tam desleal, ousando mesmo maltratar um indefeso, provas bem a tua bizzarria.

Mata! Mata! — E que Deus me perdoe...

Pára cobarde! clamou com voz estridente a sedutora jovem, vendo o gesto aggressivo do alcaide.

Momento agitado!

Abriram subitamente uma porta, única da masmorra; Moabdil surgiu á entrada cercado por vários congêneres, que, tam ferozes como seu chefe rugiam já impacientemente.

Que desejais? perguntou o velho, ainda mais encolerizado. Moabdil, Jusel, Comija e Mohatam, onde é o vosso lugar?

Desapareci da minha vista! iam retirar-se aquêles selvagens, porém, o crudelissimo velho disse com um riso amargo e boca espumante:

— Escuta!...

Voltaram-se eruantos.

— Que preparem a praça de lides! Este infiel deve morrer hoje! Deve morrer já!

Sairam esbaforidos.

Oh cruel moiro, que assim maltratas tam injuriosamente um homem que defender-se não pode, talvez um dia, e quem sabe se não tardio, tu pagues com torturas e infadáveis males que sofrer me fazes! — disse Geraldo com a maior serenidade.

— O martirio vosso é para nós um gôso! — respondeu aquele homem crú, voltando as costas e sahindo para fora daquela humilhante prisão.

— Que inconsciente e estúpido velho aquele! exclamou S. Lima. Repara, cristão! Este caminho secreto, de que ele se usou por descobrir, fica pelo que vejo, ao nosso dispor; sejamos rapidos na fuga! Corramos!

Imediatamente se dirigiram para o alcapão, mas... surpresa angustiosa! — Quatro guardas armados com simples alfanjes e de rostos cabeludos, lhes obstaram a evasão com a mais espantosa severidade.

— Para traz! — gritaram.

— Dar-vos-hei, disse a moira, um valioso anel travejado de brilhantes, se nos quizerdes auxiliar. Como vedes, não é para desprezar tal oferecimento...

— Não é, não! Mas aquelles que devem preito de lealdade a um chefe muito honrado, não devem tambem desprezar a palavra d'ella! Esta é, oh sobrinha de Ismar, a nossa inquebrantavel resolução! Deveis dar-nos razão, porque sôis a mais pura e bella moimetaria que habita nestas paragens de Santarem — disseram com ar mofoador.

(Continua)

DAVID BRAGA.

P. S. — Na primeira parte deste artigo, saíram algumas gralhas insignificantes: a que merece ser corrigida é a palavra Boalil, a qual, deve ler-se Boabdil. Na segunda parte deve ler-se o seguinte: na 1.ª columna, 30.ª linha, deve ler-se moira a palavra nolva. Na 2.ª columna, 27.ª linha, deve ler-se nossa a palavra vossa. E quase no fim, deve ler-se precisas-te a palavra precisaste.

Ao Lêdeco

Por absoluta falta de espaço, não é publicada esta carta que a si dirijo e que já está composta nas officinas deste jornal.

No proximo numero, pois, será com certeza publicada.

Sem mais...

D. BRAGA

Carteira CANCIONEIRO

Ha no mundo quem maldiga Um sonhador infeliz Mas emfim tudo se diga Porque emfim tudo se diz

Luar invejo de Janeiro Manto d'amor innocente E's um diabo gaiteiro Sedntor do muita gente

Aniversarios

Fazem anno de Ex.ªs Senhoras.

- Dia 1 — D. Laura Braga.
- D. Virginia de Jesus Batista.
- D. Virginia de Oliveira Bastos.
- D. Sofia Elvira Leão da Cost.
- 3 — D. Madalena da Costa Carvalho Jacinto.
- D. Maria das Dores de Campos Casro Azevedo Soares (Caravelas).
- 5 — D. Maria Henriqueta de Melo Sampaio (Pombeiro).
- D. Augusta Sequeira Freire (S. Martinho).
- D. Joes Augusta Infante.
- 6 — D. Emilia Antunes Saraiva de Carvalho Machado Montciro.
- 7 — D. Clotilde Gonçalves Ribeiro.
- 11 — D. Adelaide Sofia Monteiro de Meira.
- D. Francisca Cândida Meireles de Freitas.
- D. Maria da Conceição Mendes Teixeira d'Aguiar e Freitas.
- 12 — D. Maria d'Assunção Teles Dinis de Matos Chaves.
- D. Maria das Dores Ferreira da Silva.
- 13 — D. Margarida Helena Cardoso de Menezes (Margaride).
- D. Maria Adelaide da Mota Sampaio.

De os Senhores

- Dia 1 — Dr. Pedro de Barros Rodrigues.
- 2 — Joaquim Ribeiro da Silva.
- Gaspar Peixoto Leite de Magalhães e Couto.
- 6 — Dr. Alberto Carneiro.
- Joaquim Penaforte Lisboa.
- 8 — Dr. João Antonio d'Almeida.
- 9 — Dr. Sebastião Pereira de Menezes (Nespeira).
- 10 — Dr. Domingos de Souza Junior.
- 11 — João Gomes d'Abreu & Lima.

Encontra-se entre nós o nosso presado amigo e correligionario, Sr. Bento da Costa Caldas, distinto estudante da Universidade de Coimbra.

Partiu para a Africa, o nosso amigo pessoal sr. tenente da administração militar Carlos Santos, que ali foi desempenhar uma commissão de serviço.

Deu-nos a honra da sua visita o nosso presado amigo sr. José Joaquim Teixeira Pereira de Cabeceiras de Basto.

Esteve n'esta cidade o nosso dedicado correligionario sr. Augusto Pinto Areias, negociante da cidade do Porto.

A passar as festas do Natal com sua Ex.ªs familia esteve entre nós o avaliado clinico portuense e nosso conterraneo sr. Dr. Roberto de Carvalho.

Vindo de Lisboa, encontra-se nas Caldas das Taipas, a passar as ferias do Natal, o estudante da Faculdade de Direito daquela universidade sr. Clemente Abreu.

Encontra-se em Vizela em goso de ferias, o sr. Armentio Caldas, estudante da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Tem estado em Guimarães o sr. Coronel do Estado maior, Ribeiro Vilas.

Esteve entre nós o nosso simpatico amigo sr. Francisco Amaral, empregado bancario, da casa Pinto & Sotto Major de Braga.

Vimos n'esta cidade o sr. Dr. João Antunes Guimarães.

Está entre nós o nosso dedicado correligionario e amigo sr. Alferes João Paulo de M. Moraes (Pombeiro).

Vimos entre nós o nosso valioso correligionario de Barcelos sr. Dr. José Julio Vieira Ramos.

Esteve em Guimarães o distinto clinico Portuense e nosso presado conterraneo sr. Dr. Pedro Guimarães.

Partem brevemente para o Rio de Janeiro os nossos amigos e conterraneos snrs. Gonçalo Guise e Gaspar Aguiar.

Passou alguns dias nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Dr. João Freitas Costa Soares que já regressou ao Porto.

Encontra-se entre nós o nosso simpatico amigo sr. José Caldas habil empregado comercial no Porto.

A goso de ferias tem estado n'esta cidade o nosso amigo e conterraneo sr. Eleuterio Martins Fernandes, distinto estudante da Universidade do Porto.

Parte brevemente para Coimbra, o nosso bom amigo sr. José de Moura Machado, estudante d'aquella Universidade.

Vida Desportiva

Segundo informações verbais de alguns membros da Direcção do Vitória Sport Club deve ser no proximo dia 13 do corrente mês, a inauguração do campo de jogos do mesmo Grupo.

Até que enfim, Guimarães possu e um campo para o desenvolvimento fisico.

A's damas e a todos os Vimaransenes pedimos para que não só nesse dia, mas em todos os outros em que haja desa fies, não deixem de os abrilhantar com a sua presença.

Guimarães quem me dera ver teus filhos verdadeiros sportmen.

Vêde em Braga, em Famalicão, em Cabeceiras de Basto e em tantas outras terras, como todos os seus filhos se interessam pelo ngrandecimento ou auctes, pelo desenvolvimento do Sport, e todos dever contribuirmos para esse til fim, como todas as terras do universo.

Não falteis no Campo José Minotes a todos os que trabalham pelo Sport desejo muitas venturas e felicidades desportivas.

AFONSO.

Inauguração do campo José Minotes no dia 13 do corrente.

Conde de Margaride

No dia 1 de Janeiro foi muito cumprimentado o nosso querido amigo e venerando chefe sr. Conde de Margaride.

Sabe Sua Excelencia o quanto o estimamos e a muita consideração que lhe votamos e d'ahi termos sincero prasér em lhe desejar com todo o coração as suas melhoras.

Ao illustre titular o nosso querido amigo dirigimos igualmente as nossas saudações, fazendo com a cidade os melhores votos pela sua saude.

Com o mesmo fim esteve no palacete Margaride a digna Mesa da V. O. T. de S. Francisco, de que é illustre ministro o nosso querido chefe.

D. Albertina Pereira Mendes

Na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, onde sempre foi aluna distinctissima, defendeu brillantemente a sua tese de doutoramento, a nossa gentil patricia Mademoiselle Albertina da Cunha e Castro Pereira Mendes, filha primogenita do nosso amigo sr. João Pereira Mendes, acreditado industrial desta cidade.

A' novel doutora em medicina que sempre deu provas de applicação ao estudo e de talento, dirigimos os nossos cumprimentos, desejando-lhe um futuro tam brillante como as suas excellentes qualidades e gentileza d'espírito são merecedoras.

P.º Arthur F. Guimarães

Dá as Boas festas e deseja muitas prosperidades no Novo ano a todos os seus amigos e igualmente agradece e retribue a todos que lhe enviaram cartões de Boas festas.

E deste modo fica substituida a praxe que sempre teve de mandar cartões aos seus amigos e benfeitores, celebrando uma missa e dará uma esmola conforme as suas posses a uma Casa de caridade pelas felicidades de todos os seus amigos e Ex.ªs familia.

E se em vez de mandarem cartões, agradecendo felicitações, ou cumprimentos de pezones ou dando cordões funerarias dessem essa quantia que se gasta em séios, cartões e envelopes, e custo fabuloso de cordões á Santa Casa de Misericórdia ou outra qualquer casa de caridade?

Um agradecimento geral num jornal da localidade e o agradecimento particular por cartões, substitui-lo por uma esmola para mitigar tantas lagrimas e infórtunios ás casas de caridade.

E assim terminavam gastos superfluos que de nada servem para os queridos mortos dando só lugar ás vaidades e illusões do mundo.

Falecimentos

Em avançada idade faleceu ultimamente nesta cidade o nosso respeitavel patrio sr. João Antonio d'Almeida, pai dos nossos estimados conterraneos snrs. Dr. João Antonio d'Almeida Junior, distinto clinico e Fernando Antonio d'Almeida e das Ex.ªs esposas dos nossos presados assinantes snrs. Dr. Alberto Carneiro e Porfirio Mendes Ribeiro, a quem apresentamos os nossos séntidos cumprimentos.

Faleceu tambem a Senhora D. Maria Magdalena Lima, gentil filha do importante industrial sr. Antonio José Pereira de Lima, a quem enviamos o nosso pesar.

Ambos os funerais foram concorridos, tendo á elles assistido muitas das pessoas mais gradas do concelho.

«Ecoss de Guimarães,»

8.º ANO OROÃO MONARQUICO N.º 1

Ex.ªs Snr.